

ALCOFORADO, Doralice Fernandes Xavier. *Belas e Feras baianas: um estudo do conto popular*. Salvador: Secretaria da Cultura/Fundação Pedro Calmon, 2008.

Braulio do Nascimento*

A trajetória de Doralice Xavier Alcoforado pelos campos do conto maravilhoso, prematuramente interrompida, nos mostra quanto seria ainda enriquecedora sua contribuição para os estudos de literatura oral.

Desde sua dissertação de Mestrado: “A escritura e a voz: um jogo intertextual” (1984), revela interesse particular pelo conto maravilhoso. Aí são analisadas as situações de confronto entre o real e o maravilhoso, procurando destacar aproximações e distanciamentos entre o erudito e o popular. Doralice usa como diferencial a obra de Guimarães Rosa, mostrando as transformações sofridas pela matéria tradicional e sua projeção no texto ficcional.

Tais reflexões e análises são retomadas na fundamentação de sua tese de Doutorado *Belas e Feras baianas: um estudo do conto popular* (Salvador, Secretaria da Cultura/Fundação Pedro Calmon, 2008).

Com um panorama introdutório sobre o conto da Bela e a Fera, através da tradição escrita e da tradição oral na área luso-brasileira, incluindo a literatura infantil, Doralice delinea o roteiro do conto *A Bela e a fera* (AT 425C – *Beauty and the beast*), no sentido de explicitar a complexa rede de combinações que se articulam na produção das 24 versões recolhidas na Bahia, entre 1986 e 1994. Destaca a faixa etária dos narradores como afirmação de sua permanência: 50% pessoas de 31 a 60 anos e menos de 20% com idade acima de 60, enfatizando o elevado percentual de 60% ouvido de narradoras, particularmente na zona rural.

Para realizar tal objetivo Doralice parte da versão mais antiga conhecida *Cupido e Psique* presente no milenar romance de Apuleio, *Asno de Ouro* (século II d.C.), que ressoa como ecos no imaginário baiano. Desse modo, são indicados marcos da passagem pela tradição escrita: Madame d’Aulnoy (1697), Madame Villeneuve (1740), Madame Leprince de Beaumont (1746). O conto é considerado de recente origem literária (Anderson 2000:69).

Com extensa difusão na Europa, Ásia e África e também no Novo Mundo, o conto foi naturalmente adquirindo, de acordo com as diversas culturas, variadas faces sobre a mesma fábula. O detalhado estudo de Swahn (1955), sobre Cupido e Psique em um corpus de 1042 versões, apresenta diversos subtipos, adotados no *Index* de Aarne-Thompson: de 425A (*The*

* Presidente de Honra da Comissão Nacional de Folclore.

Número especial – ago-dez de 2008.

Doralice Fernandes Xavier Alcoforado

monster (animal) as bridegroom. Cupido and Psyche) até 425O (*Enchanted wife lost and found*).

O tipo AT 425C, tema de Doralice, tem merecido numerosos estudos. Uther, em seu recente Catálogo *The types of International Folktales* (2004), baseado no *Index* de Aarne-Thompson *Types of the Folktale* (1961), reuniu vários subtipos reduzindo a seis: 425A-425E

Para a abordagem da *Bela e a fera*, Doralice dividiu o *corpus* baiano em cinco tipos:

1. 425C – *Beauty and the beast (A Bela e a fera)*
2. 425A – *The Monster (animal) as bridegroom* (O monstro (animal) como noivo)
3. 441 – *Hans my hedgehog* (Hans meu ouriço)
4. 432 – *The prince as bird* (O príncipe pássaro)
5. 433 + 425A – *The prince as serpent + The monster as bridegroom* (O príncipe serpente + O monstro (animal) como noivo)

Desse modo, dá uma abrangência maior ao tema, incorporando os tipos 432, 433 e 441 não incluídos nos catálogos na área da *Bela e a fera* (425C).

Doralice conjuga a tipologia de Propp (1960) e o *Index* de Aarne Thompson e elabora os tipos a partir das semelhanças estruturais e temáticas das versões baianas. Na análise a que submete os cinco tipos, utiliza as sequências narrativas, com a seguinte observação:

Para chegar à estrutura formal dos textos, buscaram-se, a partir da sua decomposição em unidades temáticas menores, as sequências narrativas. Usa-se aqui sequência com o significado de “agrupamento de ações: acontecimentos que engendram uma narrativa” (Bremond, 1998,110) e não como que lhe confere Propp (1984), certa ordem de funções, começando pelo dano até o desenlace. A relação dos elementos da estrutura narrativa, delineada pelo conjunto das sequências, com os elementos semânticos da sintagmática de motivos determinou a estrutura textual de cada conto e a sua inclusão em determinado tipo (p. 227-28).

Desse modo, Doralice estabelece seis sequências narrativas para cada versão:

- I. Situação inicial
- II. Ação preparatória
- III. Dano / Carência
- IV. Partida
- V. Tarefas / Doadores
- VI. Reconhecimento / Final feliz.

Efetivamente, ocorrem nesses tipos elementos maravilhosos que podem naturalmente ser intercambiados. Cabe destacar a importância da distribuição, que mostra um modo diverso de agrupamentos de tipos.

Os objetos culturais não são objetos geométricos rigorosamente definidos e estanques. Assim, os contos populares têm várias definições podendo constituir-se em múltiplos modelos de classificação e agrupamento. A sua estruturação em seqüências que, semelhantemente aos motivos, podem ocorrer em contos tipologicamente diferentes, torna as classificações provisórias ou de natureza operacional.

É o caso, por exemplo, do motivo Thompson H1010 (*Impossible tasks*) específico do AT 313 (*The girl as helper in the hero's flight*) ocorrente em outros contos, com variantes que demonstram a criatividade do narrador.

O estudo comparativo (Nascimento, 2000:111-64) das 33 “tarefas impossíveis” ocorrentes em 43 versões, portuguesas (29) e brasileiras (14), sejam transmitidas de natureza invariante sejam criadas em situação narrativa, durante a performance, confirma a imaginação criativa dos narradores. Apenas 8 tarefas são coocorrentes; as restantes 16 são exclusivas da tradição portuguesa e 9 da tradição brasileira. Por exemplo: “Plantar, colher uvas e fazer vinho” (Portugal) e “Derrubar mata e plantar canavial” (Brasil), ao lado da coocorrente: “Subir em árvore/torre com copo d’água na testa sem derramar”.

A intertextualidade oral é comum nas diversas culturas. Além de mostrar a mobilidade de seqüências narrativas invariantes em versões de tipos diferentes, revela a presença no imaginário do narrador de motivos de versões conhecidas mas não incorporadas ao seu repertório.

O estudo de Doralice ao reunir na constituição do *corpus* contos de tipos diferentes, mas com elementos estrutural e semanticamente semelhantes, aponta novas possibilidades para a sua estruturação.

É o que sucede no *corpus* baiano com a integração do AT 441 (*Hans meu ouriço, O Príncipe de Campos Verdes*) ao campo da *Bela e a fera* (425A).

O motivo Thompson Z62.1 (*The old and the new keys*), específico do conto de *Brancaflor* (AT 313), ocorre também no AT 441.

Na versão portuguesa de Custódio & Galhoz (1996 n° 1):

Então ele disse assim:

– Eu tinha uma chave d’ouro e perdi-a, e encomendei uma de prata que ainda não tá feita. Então agora eu tornei a achar a chave d’ouro. Digam-me meus senhores, com qual hei de ficar?

E todos concordaram que ele devia ficar com a chave d'ouro que já era dele.
E aqui ele põe uma mão em cima dum ombro da Dona Branca e disse:
– A chave d'ouro qu'eu perdi, e que achei, é esta, e agora vou casar com ela.
É esta que eu tinha destinado p'ra mim.

Na versão baiana nº 4.3.1:

Aí vai ele, saiu com duas chaves na mão:

– Entre todos os senhores e senhoras que estão aqui em presença, numa hipótese que o senhor tem uma mala, o senhor compra uma mala com uma chave, mas logo perde a chave daquela mala, compra outra; mas antes do senhor usar a chave nova, o senhor acha a velha. Qual é a dona da casa? Todo mundo diz:

– É a velha!

Ele diz:

Apois a minha mulher é aquela.

Doralice admite a performance como característica principal do texto oral. A performance dá significação ao texto em sua plenitude, isto é, com todos os elementos de sua estrutura. E daí sua definição do gênero:

O texto oral tradicional é produzido por meio de um ato performático, em que um enunciador, o intérprete do saber da tradição, passa para a platéia um texto virtual que traz na memória, instante em que aspectos da cultura, referências a situações locais, comentários de circunstâncias e visão de mundo do contador são transmitidos através do registro compatível à diversidade linguística do enunciador e da região (p. 241).

Efetivamente, a fábula, semelhantemente ao carvalho, com seu rígido tronco e raízes mergulhadas no fundo da terra, tem capacidade para aceitar as numerosas variantes inseridas nas suas versões. A invariante fabular atravessa as mais variadas culturas, no tempo e no espaço, sem perder o lastro semântico que a identifica dentre os milhares de temas estocados e alimentados pela tradição.

Através de quadros, Doralice compara as soluções dadas pelos narradores para as situações ocorrentes nas seis sequências narrativas estabelecidas para a análise do *corpus*, validando o esquema adotado.

A publicação integral das 24 versões, com a análise dos cinco grupos em que foi dividido o *corpus*, representa importante material para a compreensão dos mecanismos que estruturam as narrativas.

A trajetória foi interrompida prematuramente, mas Doralice nos deixou o espelho de suas idéias sobre o universo sedutor do conto popular.

Referências bibliográficas

AARNE, Antti e THOMPSON, Stith. **The types of the folktale** (1928). 2ª revisão. Helsinki, Academia Scientiarum Fennica, 1961.

ANDERSON, Graham. **Fairytales in the Ancient World**. London and New York, 2000.

BREMOND, Claude. A mensagem narrativa. In BARTHES, Roland et al. **Literatura e semiologia**. Petrópolis, Vozes, 1972.

CUSTÓDIO, Idália Farinho & GALHOZ, Maria Aliete Farinho. **Memória tradicional de Vale Judeu**. Loulé, Câmara Municipal, 1996-97. 2 v.

NASCIMENTO, Braulio do. Brancaflor na tradição luso-brasileira. In **Cadernos Vianenses**, Viana do Castelo, tomo 28:111-64, 2000.

PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto maravilhoso** (1928). Trad. de Jasna Paravich Sarhan. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1984.

SWAHN, Jan-Öjvind. **The tale of Cupid and Psyche** (Aarne-Thompson 425 & 428). Lund, CWK Gleerup, 1955.

THOMPSON, Stith. **Motif-index of folk literature**. Bloomington-Indiana University, 1955-58. 6 v.

UTHER, Hans-Jörg. **The types of International Folktales. A Classification and Bibliography**. Helsinki, Academia Scientiarum Fennica, 2004. 3 v.